

Gêneros e formatos na cobertura do Jornal da Cultura nas eleições municipais de 2020¹

Marli dos SANTOS²
Faculdade Cásper Líbero
Aparecida Matilde HADDAD³
Athon Ensino Superior

RESUMO

Este artigo é recorte de uma pesquisa mais ampla sobre gêneros jornalísticos, realizada entre pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero e da Athon Ensino Superior⁴. O objetivo foi investigar a contribuição social do Jornal da Cultura nas eleições municipais em 2020 em contexto de pandemia, considerando o gênero informativo e seus formatos, propostos por Marques de Melo (2010). A abordagem metodológica é a qualitativa, com o uso da técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2011). A coleta de dados ocorreu em dois períodos: primeiro e segundo turnos. Os resultados apontam que a reportagem foi o formato prevalente, com as adaptações à pandemia, mostrando a preocupação em aprofundar a cobertura, porém, enfatizando apenas os candidatos às prefeituras e o serviço na orientação aos cuidados dos eleitores no ato do voto.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Jornalísticos; Gênero informativo; Formatos; Jornal da Cultura; Pandemia

INTRODUÇÃO

O telejornalismo conquistou mais audiência em 2020⁵, por causa da pandemia. Foi uma fonte importante para esclarecer a evolução da Covid 19 e orientar o

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, coordenadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Email: msantos@casperlibero.edu.br

³ Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba, Atualmente é professora da Escola Superior de Gestão de Negócios - Athon Ensino Superior. Email: cidaha@hotmail.com.

⁴ Os graduandos em jornalismo que fizeram a coleta das informações em protocolo previamente criado pelos docentes participantes foram: Maria Luiza Orsi, Daniela Martins, Maria Julia Faria Scheibner, Augusto César Moreira, João Pedro Monteiro e Rafaela Zem.

⁵ Segundo a pesquisa, de abril de 2019 a abril de 2020, o jornalismo televisivo elevou sua audiência de 20% para 30% do share de audiência. Entre os telespectadores, 82% afirmaram acompanhar o noticiário na TV. <https://www.abert.org.br/web/notmenu/kantar-ibope-tv-cresce-durante-pandemia.html>. Em média, as pessoas passaram 30% a mais de tempo assistindo canais de notícias em 2020, mais informações em: <https://www.kantaribopemedia.com/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/>

telespectador sobre os cuidados necessários, mesmo com a desinformação que circulou amplamente nesse período nas redes sociais, alimentada, inclusive, por agentes sociais interessados. Nesse contexto ocorreram as eleições municipais no país. Apesar dos índices de contaminação e mortes naquele momento terem sofrido desaceleração⁶ (em novembro de 2020 o recuo foi menor que em outubro), o receio com as aglomerações nas zonas eleitorais e a falta dos cuidados necessários, como a negligência em relação ao uso de máscaras e do álcool em gel, seriam desafios a serem enfrentados.

Considerando que as práticas no telejornalismo sofreram mudanças em função dessa situação, pela impossibilidade de jornalistas estarem nas ruas e realizarem entrevistas com as fontes, que também acabaram dispendo de seus próprios equipamentos, e até uma certa liberdade, já que os microfones, muitas vezes, eram oferecidos diretamente a quem estava em situação presencial, eliminando a intervenção do repórter no controle do tempo da fala do entrevistado. A estética das telas de computador em plataformas de videoconferência se tornou comum nas coberturas. A própria disputa eleitoral foi afetada pelas limitações impostas para a atuação de candidatos nas ruas e também nos meios de comunicação. Assim, entende-se a necessidade de analisar como os gêneros jornalísticos se manifestaram nesse cenário. A pergunta que orienta esta pesquisa é: Como o Jornal da Cultura (JC) cumpriu a função de vigilância social nos formatos informativos presentes na cobertura das eleições municipais em 2020, tendo em vista a situação de excepcionalidade de uma pandemia?

A escolha do telejornal ocorreu porque se trata de um jornalístico produzido e veiculado por uma rede de emissora pública, com sede em São Paulo, a TV Cultura, administrada pela Fundação Padre Anchieta. É fato conhecido que esse telejornal difere dos demais por seu formato Informativo e o Opinativo, levando diariamente à bancada, especialistas convidados para comentar as pautas apresentadas. Porém, no recorte proposto aqui, explorou-se apenas os formatos informativos presentes nas edições estudadas.

Foram selecionadas 14 edições do JC, em dois períodos distintos: de 09/11/20 a 14/11/20, semana que antecedeu o 1º Turno das Eleições Municipais, mais a edição do

⁶ Mais informações em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/02/mortes-por-covid-tiveram-queda-menor-em-novembro-do-que-em-outubro-indicam-secretarias-de-saude.ghtml>

dia 16/11/20, dia seguinte à votação; e a semana de 23/11/2020 a 28/11/20, que antecedeu o 2º Turno das Eleições, mais a edição de 30/11/20, posterior à votação nas cidades onde a eleição se definiu no segundo turno.

A técnica de pesquisa aplicada é a Análise de Conteúdo, baseada em Laurence Bardin (2011). Após a pré-análise do material e a leitura flutuante, foram criadas as categorias de análise para o estudo, que colaboraram para responder à pergunta-problema e aos objetivos propostos. São as seguintes: Tema, Formato do Gênero informativo, Relação com a pandemia (referência à pandemia), Eleições em São Paulo, Eleições em outras cidades, Candidaturas à prefeitura e Candidatura a cargo legislativo.

GÊNEROS E FORMATOS

O estudo foi realizado com base na teoria de gêneros jornalísticos, formulada por José Marques de Melo (2010), um dos pioneiros nos estudos de gênero jornalístico no Brasil e autor referenciado em diversas pesquisas na área.

Marques de Melo (2009) defende que os gêneros jornalísticos devem ser estudados no contexto midiático, considerando a prática profissional. Conceitua gênero como agrupamento de diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade. Para o autor, os formatos são diferentes entre si e desenvolvem uma função social. A mensagem preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional. Por isso, a expressão jornalística e sua leitura são possíveis apenas com a apreensão do processo, dos bastidores e dos antecedentes.

Para ele, as “unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos” (2010, p.35). E assim propõe cinco gêneros, todos com funções sociais diferenciadas: Informativo, que possui vigilância social; opinativo, apresenta fórum de ideias; interpretativo, que tem papel educativo, esclarecedor; diversional, voltado à distração, lazer; e utilitário, representa auxílio nas tomadas de decisões cotidianas (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010).

Nesta pesquisa, buscou-se identificar os formatos do gênero informativo nos conteúdos presentes no *Jornal da Cultura*. Como o gênero informativo está relacionado ao tempo do acontecimento e ao relato como estratégia discursiva, de acordo com o autor

referenciado, os formatos que serão buscados nas edições do JC e que constituem a categoria Formatos do Gênero Informativo são: Notícia, Nota, Reportagem e Entrevista.

De acordo com Marques de Melo (2003), o formato Nota é definido como relato de um acontecimento em processo de configuração. Nem todos os elementos da notícia – Ação, Agente, Tempo, Lugar, Modo e Motivo – são conhecidos. Compreende também o furo como antecipação de um fato que pode gerar notícia. Como Notícia, o autor entende o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social, ou seja, o acontecimento já está configurado, tem um relato completo. Já Reportagem é relato ampliado de um acontecimento que produz impacto no organismo social com desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos. É um aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o modo, o lugar e o tempo, além da captação das versões dos agentes, conforme o pesquisador. Por fim, a Entrevista é o relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos, trata da alteridade com voz na cena jornalística, tendo o repórter como “mediador” para assumir empaticamente o papel de intérprete do receptor.

O PRIMEIRO TURNO

A coleta de dados do 1º turno das eleições municipais foi realizada nos dias 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 16 de novembro de 2020. No total foram **18 matérias** coletadas. Os resultados são descritos a seguir.

Quanto aos **formatos do gênero informativo**, foram coletadas 12 reportagens, 4 notas cobertas, uma nota pelada⁷ e uma entrevista (MARQUES DE MELO, 2003). Portanto, o formato mais destacado no telejornal nesse período é a reportagem, ou seja, relatos ampliados do fato, com a inserção de fontes entrevistadas (sonoras), artes⁸, passagens e offs. (BARBEIRO; LIMA, 2002)

Maior destaque para número de formatos do gênero informativo em uma só edição ocorreu em 14 de novembro, porém, nesse dia, véspera do 1º Turno das Eleições 2020, houve apenas uma reportagem presente, sendo que 4 eram notas cobertas e uma entrevista. Na edição, foram apresentados os seguintes assuntos: 1) defesa do sistema eleitoral brasileiro; 2) a verificação do sistema do TSE para a votação; 3) uma pesquisa

⁷ Nota pelada é a informação lida pelo apresentador de telejornal, no estúdio, sem imagens ilustrativas.

⁸ Arte é o nome que se dá às informações jornalísticas organizadas em uma tela com dados e suas respectivas fontes.

sobre violência nas eleições; 4) uma carta de candidatos do Amapá pedindo eleições conjuntas; 5) a última pesquisa Datafolha e a pesquisa de intenção dos eleitores em renovação política. Nessa edição, também se abordou candidaturas de vereadores.

No primeiro período analisado, observou-se que a pauta eleição aparece em 6 das 7 edições analisadas: na segunda-feira, dia 19 de novembro, não há matérias sobre eleições, com um pico no dia 14 de novembro (6 matérias) na véspera do pleito, e na segunda-feira, 16, após os resultados do primeiro turno, há 3 reportagens sobre as eleições.

Observa-se que vários **temas** são tratados em uma mesma reportagem, e, no caso de alguns formatos, como a entrevista por Skype feita com o cientista político da Tendências Consultoria, Rafael Cortez (14 de novembro), que aborda os assuntos presentes na edição do telejornal sobre as eleições (resultados da votação por partidos; o aumento do número de mulheres eleitas; ataque hacker no TSE; contestação de Bolsonaro sobre a apuração de votos; índice de abstenção, nulos e brancos; candidatos de Bolsonaro eleitos para as prefeituras de municípios brasileiros e a investigação da Polícia Federal sobre o ataque hacker ao sistema eleitoral do TSE), é apresentada em partes, conforme temas abordados em formato nota coberta. A entrevista funciona como explicação e complemento às notas cobertas.

Houve grande valorização do **tema** debate dos candidatos que seria realizado logo após o JC na TV Cultura. Supõe-se que a ampla divulgação ocorreu não apenas pelo evento ser organizado pela própria emissora, mas também pelo fato de outras emissoras não realizarem esse encontro por causa da pandemia. Portanto, o telejornal funcionou como divulgador do debate.

Uma das pautas presentes na edição do dia 13 de novembro, no JC, destaca a Rede Wayuri de comunicadores indígenas nas eleições, em São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, onde vivem 420 comunidades indígenas que falam 19 línguas. São quatro idiomas oficiais desses povos, entre eles, a Língua Portuguesa. Foi a primeira vez que se realizou cobertura sobre eleições nessa localidade. A rede reuniu 26 comunicadores de 10 povos com correspondentes ao longo da Bacia do Rio Negro. Dos seis candidatos à Prefeitura, quatro eram indígenas.

É constatado também o predomínio da cobertura da eleição paulistana, obviamente por ser uma emissora com sede em São Paulo. As outras localidades só apareceram em função do factual, como o apagão em Macapá.

São visíveis os impactos da **pandemia** no processo jornalístico e eleitoral. Na cobertura do JC, há referências informativas aos cuidados a serem adotados no dia da votação, como o distanciamento a ser observado nas seções eleitorais. Esses conteúdos são complementados por entrevistas com médicos que ressaltam a importância dos cuidados a serem tomados. Já no âmbito da emissora, há reforço sobre as precauções para evitar contágio na pandemia no dia do debate entre candidatos do primeiro turno – várias explicações e demonstrações são realizadas sobre as condições em que o programa seria realizado (distanciamento entre candidatos, uso de máscaras e demais cuidados).

Algumas estratégias do telejornal na cobertura das eleições também ficam evidentes no período, como o uso do Twitter do presidente da República Jair Bolsonaro (sem partido) como fonte oficial para reprodução de seu posicionamento, e a participação da audiência por meio das redes sociais. Algumas mensagens são reproduzidas na parte inferior da tela.

O SEGUNDO TURNO

A quantidade de matérias sobre as eleições no JC, no segundo turno, totalizou 12 formatos, com maior presença na edição de sexta-feira e da segunda, logo após se confirmar os resultados nas cidades que tiveram segundo turno para prefeito. Importante destacar que em São Paulo as eleições foram para o segundo turno, tendo como candidatos Bruno Covas⁹, do PSDB, e Guilherme Boulos, do PSOL, uma novidade no quadro eleitoral da cidade desde a eleição da ex-prefeita Luiza Erundina, em 1988, que levou um candidato de partido de esquerda a competir com chances de vencer o pleito, apesar de Covas estar à frente. Mesmo assim, o JC não deu tanta ênfase às eleições para a prefeitura da capital no segundo turno. No dia 26 de novembro, não houve sequer uma matéria com foco no assunto. Interessante observar que o candidato do PSDB teve o apoio do governo do Estado. Quanto à **prevalência de matérias** na sexta e na segunda, atribui-se à proximidade do domingo, dia da votação. Na segunda, o JC divulgou os resultados do segundo turno – pauta esperada no conteúdo do jornalismo.

Sobre os **formatos do gênero informativo**, verificamos que o telejornal deu ênfase no período à reportagem, considerando que os dois links na edição do dia 23/11

⁹ Bruno Covas faleceu em 16 de maio de 2021 e o vice-prefeito, Ricardo Nunes, do Movimento Democrático Brasileiro Brasileiro (MDB).

podem ser caracterizados como formato reportagem. Foram 6 reportagens, 5 notas (peladas e cobertas) e uma entrevista (dividida em duas partes e apresentada em blocos diferentes da edição).

Notas peladas e cobertas nesse período sobre as eleições são comuns nos jornalísticos. Talvez nesse período, em razão da pandemia, a presença do formato também pode indicar as impossibilidades de coberturas mais amplas para um tema tão importante, especialmente considerando a ascensão de Boulos em São Paulo.

Houve apenas uma entrevista com especialista fora do estúdio, indicando também que esse não foi um formato estratégico para o programa. Uma das ênfases nas matérias apresentadas pelo JC, nesse segundo período, foram as entrevistas com os candidatos à prefeitura de São Paulo no programa Roda Viva, veiculado às segundas-feiras na emissora, com importante destaque na programação e impacto entre formadores de opinião.

Houve mais destaque ao segundo turno das eleições na capital no dia 27 de novembro, sexta-feira antes das eleições, com a presença de 5 matérias sobre a temática. As matérias apresentadas nessa edição tratam de problemas com *hackers* no TSE e também sobre as tendências eleitorais com a apresentação de pesquisas, o que é esperado.

Embora a importância das eleições de São Paulo, observou-se que nesse segundo período, o JC preferiu ampliar a cobertura, extrapolando mais o contexto eleitoral do estado de São Paulo: apenas duas matérias citam os candidatos ao 2º turno à prefeitura de São Paulo; uma das matérias aborda as pesquisas de intenção de voto na capital. Os demais formatos abrangem outras capitais, como a cidade do Rio de Janeiro e Recife, pelas peculiaridades das disputas: no primeiro caso, o candidato à reeleição, Marcelo Crivella, que teve apoio de Jair Bolsonaro, disputou com o ex-prefeito Eduardo Paes – que na pesquisa se mostrava à frente do concorrente, depois da administração considerada desastrosa de Marcelo Crivela durante a pandemia. A presença das eleições em outras cidades brasileiras mostra a preocupação em fazer uma cobertura mais ampla, mostrando o cenário nacional dos acontecimentos eleitorais.

Nos demais dias da semana, quinta e sexta-feira, o foco foram as eleições de segundo turno no Brasil, pendências de prefeitos eleitos em relação à justiça, e na segunda-feira, dia 30 de novembro, logo após o pleito, o telejornal fez uma análise sobre o avanço dos partidos de direita, apresentou o mapa político das eleições municipais no Brasil e anunciou investigação da PF sobre invasão de hackers no sistema do TSE.

As pesquisas também tiveram destaque durante a cobertura do JC na semana pesquisada, com os dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) sobre eleições em outras capitais; em São Paulo, a tendência do eleitorado foi apresentada em uma matéria e referida nas análises dos comentaristas. Alguns outros destaques apresentam dados sobre os 13 candidatos apoiados por Bolsonaro e o impacto desse apoio, e as estatísticas sobre a presença das candidatas mulheres nas eleições para prefeitura das capitais (apenas uma foi eleita).

Como era de se esperar, as matérias se voltaram à cobertura dos candidatos às prefeituras do que às câmaras municipais, seguindo a tendência de valorizar mais os cargos executivos que legislativos. Houve apenas uma matéria sobre as eleições para vereadores nesse segundo período estudado, a exemplo do que aconteceu no mesmo período.

No que se refere à **pandemia**, notou-se que não houve também uma preocupação do JC em relacionar as questões da pandemia com a disputa eleitoral na semana analisada. A ausência do tema na cobertura do segundo turno mostrou que a pandemia passou a ser menos considerada no contexto da pauta eleitoral, embora tivesse ampla cobertura no contexto do telejornal. Em novembro, a curva de contágio da Covid 19 estava com tendência de queda, mês em que se atingiu um dos menores índices de mortes e transmissão do vírus, e as cidades se preparavam para as festas de final de ano, apesar dos alertas da imprensa sobre a manutenção do afastamento social. O tema passou a ser espinhoso, porque o eleitorado já se comportava de outra maneira em relação à pandemia, culminando com aglomerações para compras e realização de confraternizações em festas de fim de ano.

DOIS MOMENTOS E FÓRMULAS SEMELHANTES

Ao compararmos os dois períodos de cobertura sobre as eleições municipais, o que se nota é que há prevalência do formato reportagem entre os gêneros informativos: 12 na primeira semana, representando 66% dos formatos informativos veiculados, e 6 na segunda, 50% do total. A menor presença de reportagens na cobertura do segundo turno pode estar relacionada ao momento eleitoral, com apenas dois candidatos concorrendo no segundo turno em São Paulo, e em muitos municípios brasileiros já com representante eleito no primeiro turno. A presença da reportagem no telejornalismo indica também a

opção por informação mais contextualizada, oferecendo elementos para que o telespectador possa analisar os fatos. Conforme menciona Marques de Melo (2010), a reportagem amplia a notícia que produz impacto no organismo social com desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos. É um aprofundamento dos fatos de maior interesse público. As reportagens apresentadas no JC têm entre 1 minuto 30 segundos e 3 minutos, tempos não muito diferentes do padrão dos telejornais de outras emissoras (BARBEIRO; LIMA, 2002).

Quanto aos demais formatos informativos, nota coberta e pelada, a primeira constitui-se de uma narração do apresentador com imagens, a segunda não tem imagens (BARBERO; LIMA, 2002), no total foram observadas a presença de 10 notas nos dois períodos, em quantidades iguais. Basicamente, a nota, segundo Marques de Melo, é “relato de um acontecimento em processo de configuração”, mas não apresenta todos os elementos da notícia. (2003, p. 66).

Ao observarmos os temas abordados, percebe-se que a ênfase no primeiro turno deu foco à cobertura das eleições paulistanas; já no segundo turno houve cobertura mais ampla, abrangendo outras cidades brasileiras, o que de certa forma surpreende, tendo em vista que Guilherme Boulos do PSOL competia com o então prefeito Bruno Covas, do PSDB, um candidato de partido de esquerda e outro da situação, apoiado pelo governo de São Paulo. Porém, houve intenso espaço dedicado à cobertura de programas jornalísticos que tinham como objetivo o debate de candidatos. Aliás, observa-se a mesma estratégia nos dois períodos, além de algumas pautas semelhantes: sobre o ataque de hackers no sistema do TSE, sobre as pesquisas eleitorais.

Nos dois períodos a ênfase da cobertura é voltada aos candidatos a prefeito, sendo praticamente inexistentes conteúdos referentes às candidaturas ao poder legislativo municipal - tendência também observada no eleitorado, que presta mais atenção às candidaturas aos cargos executivos que legislativos. Esse enquadramento da cobertura pode influenciar nas votações para o legislativo. Portanto, o comportamento semelhante às concessionárias administradas por empresas comerciais em um telejornal produzido por emissora de rede pública, com sede no estado de São Paulo, e administrada pela Fundação Padre Anchieta, que recebe “dotações orçamentárias legalmente estabelecidas e recursos próprios obtidos junto à iniciativa privada” (TV CULTURA, 2020).

Sobre a relação entre as eleições e a pandemia, houve no primeiro turno uma preocupação em orientar os eleitores sobre os cuidados com a pandemia ao dirigirem-se

às zonas eleitorais, porém, no segundo momento, não houve ênfase a esse tema. Prevaleceu na cobertura o foco no serviço, e menos no aprofundamento da atuação dos candidatos no combate à pandemia, embora no contexto do telejornal a temática tenha sido presente no contexto das edições analisadas.

Importante destacar que apesar da prevalência do gênero informativo, os comentários em várias edições ocupam tempo considerável em relação aos conteúdos informativos, comparativamente, nos dois períodos. Os comentaristas compõem a bancada do telejornal e são acionados em algumas pautas pela apresentadora, isso torna o JC diferenciado como jornalístico em TV aberta. Com exceção de Patrícia Campos Melo, não houve nas duas semanas estudadas outros jornalistas exercendo a função de comentarista. O exercício do contraditório ocorre não só nos formatos informativos, como também pelos comentaristas no estúdio, “induzidos” pela apresentadora.

A criação de vinheta “De Olho no Voto” para demarcar a temática eleições, e as práticas participativas por meio da hashtag “jornaldacultura” são destaques nas estratégias editoriais do JC para atrair a audiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou recorte de uma pesquisa mais ampla sobre a cobertura das eleições municipais no Brasil em 2020 pelo *Jornal da Cultura* durante o primeiro e segundo turnos. A questão de pesquisa proposta foi: como o *Jornal da Cultura* cumpriu a função de vigilância social nos formatos informativos presentes na cobertura das eleições municipais em 2020, tendo em vista a situação de excepcionalidade de uma pandemia?

Algumas respostas provisórias, com base nas limitações da pesquisa, podem ser inferidas. Uma delas é que o jornal cumpriu a sua função de vigilância social ao escolher a reportagem como formato precípua na cobertura eleitoral, e por abordar pautas de relevância e de interesse público sobre as eleições. Porém, também é possível analisar que por estar em uma emissora pública, o JC poderia ter ousado mais nas abordagens dos formatos informativos, apesar da pandemia, como, por exemplo, sobre a importância dos candidatos ao legislativo, sobre a diversidade dos representantes eleitos (além da questão de gênero), sem abrir mão do factual. Como diz Marcondes Filho (2000), fazendo alusão

ao jornalismo cão de guarda¹⁰, jornalistas devem ser mais proativos, mais investigativos, e, nesse caso, deixar de serem dependentes da agenda imposta pelas assessorias dos candidatos.

As mudanças ocorridas na linguagem do telejornal durante a pandemia também mostram claramente o esforço de adaptação do JC. Mas em novembro, os jornalísticos já tinham se adaptado à nova condição, como também explorado as possibilidades do digital.

O JC não surpreendeu como conteúdo informativo, talvez o diferencial do jornal esteja na bancada de comentaristas, como explicadores dos formatos do gênero informativo. Talvez esteja aí a completude da função de vigilância social.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 2011, 2

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo e comunicação. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000

MARQUES DE MELO, J. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP.: Editora Metodista, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

TV CULTURA. **Fundação Padre Anchieta**. Disponível em <https://cultura.uol.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

¹⁰ A expressão significa que o jornalista deve ser um cão de guarda da democracia, portanto, deve ir atrás da informações, investigar, ser crítico.